

Consumo de derivados anfetamínicos: uso racional versus consumo abusivo.

Autores

Jose Eduardo da Fonseca
Priscila Brito da Silva
Caroline Harada Okuda
Thais Adriana do Carmo

1. Introdução

O medicamento não é apenas utilizado como um dos mais importantes recursos terapêuticos da medicina. Ele também pode ser uma droga de abuso, causando tantos males quanto àqueles vindos das diversas drogas de uso lícito e ilícito, tais como dependência, síndrome de abstinência e distúrbios comportamentais (PIZZOL et al, 2006).

O consumo indevido de medicamentos e de psicotrópicos em particular, representa um problema de saúde pública, repercutindo nos meios de comunicação. Numa análise das informações que jornais e revistas de abrangência estadual e nacional divulgam sobre implicações do uso de drogas na saúde, os anabolizantes e derivados anfetamínicos se destacam entre os utilizados como drogas de abuso (PIZZOL et al, 2006).

Em 2006, os medicamentos lideraram a lista de agentes causadores de intoxicação na população brasileira, responsáveis por 28,23% dos casos, fato que é acompanhado desde 1996, de acordo com o Sistema Nacional de Informações Tóxico-farmacológicas (SINITOX, 2006).

Dentre as drogas de abuso, os derivados anfetamínicos receberam destaque devido ao crescente consumo. Pelas informações que aparecem no relatório anual de 2005, da Junta Internacional de Fiscalização de Entorpecentes (JIFE), o Brasil é o país que mais consome anfetaminas no mundo (JORGE, 2005) e está na companhia da Austrália, Cingapura e Coréia, onde este consumo vem crescendo, contrariamente à tendência mundial de retração (CAPRIGLIONE, 2006). O relatório também afirma que aumentou o consumo das anfetaminas por pessoa na Austrália, República Tcheca e Cingapura (JORGE, 2005).

As anfetaminas são usadas nas fórmulas para emagrecimento e estima-se que 2 milhões de brasileiros façam uso desse medicamento. Segundo Carlini, diretor do Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID), o consumo "não é para fins médicos, e sim, para fins "cosméticos" (JORGE, 2005)." Somente o Brasil deve consumir 30 toneladas do medicamento/ano. Em 1995 e 1996, o consumo brasileiro girava em torno de 22 toneladas.

Atualmente, anfetamina e derivados são usados como supressores de apetite para obesos, embora muito questionável. A perda de peso decorre quase totalmente da redução da ingestão alimentar e somente, um pequeno aumento do metabolismo. A redução do peso não é observada em indivíduos obesos sem restrição dietética. E não há evidências que o tratamento da obesidade com essas drogas produza uma perda de peso capaz de se manter após o término do tratamento (GILMAN et al, 1996).

Além disso, as anfetaminas exercem ações simpatomiméticas periféricas, produzindo elevação na pressão sanguínea, inibição da motilidade gastrointestinal, broncodilatação, vasoconstrição periférica, aumento da frequência cardíaca e da força de contração do miocárdio (RANG et al, 2003).

Atualmente, este consumo exagerado de anorexígenos é explicado pela busca em atingir padrões de beleza, onde a cultura reverencia a estrutura física das modelos dos desfiles de moda. O uso abusivo destes medicamentos induz a dependência, a tolerância e provocam sérios problemas de saúde, resultado de efeitos colaterais como hipertensão, insônia, ansiedade e outros.

2. Objetivos

O objetivo deste trabalho é avaliar o consumo de derivados anfetamínicos por estudantes da UNIMEP, *Campus Taquaral*, dos cursos de Farmácia, Nutrição, Pedagogia e Direito.

3. Desenvolvimento

No mês de maio de 2006, foram aplicados questionários em 100 estudantes do sexo feminino, com idades entre 17 e 46 anos, na UNIMEP – *Campus Taquaral*. O público feminino foi definido como objeto do estudo, pois trabalhos relatam maior frequência de uso de anfetaminas neste sexo. (SOUZA e MARTINS, 1995).

A população de estudo foi dividida em 4 grupos de 25 alunas, cada grupo referente a um curso: Farmácia, Nutrição, Pedagogia e Direito.

As estudantes foram escolhidas aleatoriamente, sendo que os cursos foram selecionados por critérios de conhecimentos sobre medicamentos, em especial, medicamentos para emagrecer compostos por derivados anfetamínicos. Considerou-se que os cursos da área de Humanas, Direito e Pedagogia, provavelmente, possuíam menos informações sobre medicamentos do que os cursos da área de Saúde, Farmácia e Nutrição, que deveriam ter mais conhecimento sobre o assunto já que possuem a disciplina de farmacologia nas grades curriculares.

Os questionários possuíam 13 perguntas cada, incluindo questões sobre o consumo e conhecimentos sobre derivados anfetamínicos, chamados de anorexígenos. A partir das respostas, quantificou-se o número de alunas que já utilizaram tais medicamentos, qual frequência de uso, procedência (manipulado ou industrializado), princípios ativos mais comuns, existência de prescrição médica e a especialidade médica responsável pela prescrição. Avaliou-se ainda, se o tratamento atendeu à expectativa do usuário, se apresentou efeitos colaterais, os motivos para procurar este tratamento e conhecimentos dos derivados anfetamínicos, mais especificamente, os efeitos colaterais. Além disso, foi incluída uma questão para saber se a entrevistada já tinha ouvido falar sobre anfetaminas ou de seus derivados.

A aplicação foi feita nos intervalos das aulas, sem o professor, pelas 3 estagiárias. Os questionários foram distribuídos às alunas e, para garantir o anonimato, as alunas foram orientadas a não se identificarem nos questionários. A coleta de dados ocorreu nos turnos diurno e noturno.

4. Resultados

Das entrevistadas, 30% afirmaram que já tomaram ou tomam medicamentos para emagrecer. Pode-se observar maior porcentagem no curso de Pedagogia, no qual 11 das 25 alunas entrevistadas afirmaram já ter tomado estes medicamentos.

Das universitárias que adquiriram os medicamentos sem prescrição, (23,3%), 42,9% eram manipulados (42,9%), e os demais, medicamentos industrializados.

Os endocrinologistas foram responsáveis por 73,9% das prescrições, seguidos dos Clínicos Gerais com 17,39% e dos Cardiologistas com 8,6%.

Quando perguntado se houve efeitos colaterais durante o tratamento, 70% das universitárias que usaram medicamentos contendo derivados de anfetaminas, relataram que apresentaram efeitos colaterais. Os principais foram ansiedade, insônia, irritabilidade, cefaléia e hipertensão.

Os motivos pelos quais as estudantes começaram o tratamento com anfetamínicos, foram: preocupação com a estética (83,3%), e 16,7% relacionado a outros motivos não declarados no questionário.

DISCUSSÃO

O consumo de medicamentos para emagrecer com derivados anfetamínicos foi alto na amostra estudada, (30%), comparando-se aos dados de pesquisa realizada entre 614 estudantes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde a prevalência de uso foi de 13,6%, equilibrada entre os sexos (BARCELLOS et al, 1997).

O uso de drogas quando as pessoas ingressam na universidade e contraditório, mas estudos mostram que o consumo aumenta após o ingresso no ambiente universitário, favorecido devido ao acesso mais fácil, ao menor controle social e à menor censura (LUCAS et al, 2006 apud PLOTNIK et al, 1986). Entretanto, a maioria dos universitários entrevistados experimentaram psicotrópicos antes do ingresso, este resultado corrobora os dados encontrados na literatura (LUCAS et al, 2006 apud HERRERÍA & ARANCIBIA, 1995 e BRENES et al, 1986).

A obsessão pela magreza, visto que 83,33% buscaram o tratamento por motivos estéticos, associada a um descontrole sobre a prescrição médica, fez o Brasil conquistar um recorde incômodo: o de campeão mundial no consumo de anfetaminas, substâncias anorexígenas causadoras de dependência química, insônia, irritabilidade, taquicardia e hipertensão arterial, além de estar relacionadas crises de ansiedade e pânico (MAIEROVITCH, 2006). Com risco de complicações agudas e crônicas importantes e que podem ser ainda mais graves quando utilizados inadequadamente (PIZZOL et al, 2006).

O consumo/ano, de derivados anfetamínicos, verificado foi de (16,7%), superior ao encontrado entre 540 estudantes da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Amazonas, Manaus (10,98%)

(LUCAS et al, 2006). O elevado consumo de anfetaminas no Brasil variou de 6,97 doses diárias por mil habitantes, em 1993-1995 e passou a ser de 2,57 doses diárias por mil habitantes, em 1997-1999. A partir desse biênio 2002-2004, entretanto, o consumo de anfetaminas cresceu consistentemente até atingir o índice de 9,1 doses diárias por mil habitantes. As cifras correspondem a um crescimento de 254,1% (CAPRIGLIONE, 2006).

A comercialização das anfetaminas só acontece mediante Notificação de Receita "B" (Azul), emitida pelos médicos e que fica retida nas farmácias. Uma pesquisa conduzida pelo CEBRID, da Universidade Federal de São Paulo, nos arquivos de farmácias de São Paulo, encontrou casos de médicos que, em apenas um ano, haviam receitado mais de 8 mil medicamentos com anfetaminas (CAPRIGLIONE, 2006). O aumento do consumo de anfetaminas também está relacionado ao tráfico por via postal, que rende bilhões de dólares para a criminalidade e às farmácias on-line (MAIEROVITCH, 2006). Podemos acrescentar a venda sem prescrição médica realizada por algumas farmácias, nesta pesquisa as fórmulas adquiridas sem prescrição corresponderam a 23,3%, aumentando ainda mais o consumo.

As universitárias alegaram conhecer de 1 a 10 pessoas que já tomaram medicamentos para emagrecer. E apenas 3 alunas mencionaram não conhecer ninguém que fez uso destes medicamentos. Metade das universitárias, que tomaram estes medicamentos ficaram parcialmente satisfeitas com o resultado, sendo que 46% são do curso de Farmácia e 33% do curso de Pedagogia. Das 30 alunas que já tomaram medicamento para emagrecer, 76,7% foram adquiridos com receita. Somente 13,0% deste total, foram de medicamentos industrializados; o restante, manipulados.

5. Considerações Finais

Os resultados obtidos confirmaram o uso abusivo de derivados anfetamínicos para fins estéticos. E que práticas inapropriadas de prescrição e de dispensação influenciam.

É importante ressaltar que as estudantes da área de biológicas a opinião sobre os medicamentos e o padrão de uso destes não diferem da população em geral, o que sugere pouco impacto da abordagem sobre o tema nos currículos acadêmicos atuais. Sendo, portanto, necessária maior inserção do tema na formação acadêmica desses profissionais da saúde e também das demais áreas, já que o alto consumo brasileiro de anfetaminas se tornou um problema de saúde pública.

Para prevenir o uso indevido desses medicamentos, sugere-se a necessidade de uma perspectiva multidisciplinar envolvendo conceitos farmacológicos, humanísticos e sociais que devem substituir a visão unicamente médico-terapêutica e assim, promover programas educativos voltados para a população em geral, com ênfase para os medicamentos psicoativos mais consumidos e seus principais efeitos colaterais.

O controle da venda em estabelecimentos farmacêuticos e as restrições previstas pela legislação sanitária devem ser redobradas, na tentativa de reduzir o tráfico por via postal, as vendas por farmácias on-line e as vendas ilegais sem receituários.

Referências Bibliográficas

BARCELLOS, Alayde Pilla et al. Padrão de consumo de anfetaminas entre universitários de Porto Alegre. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**, v.19, n.3, p.161-9, set./dez. 1997.

CAPRIGLIONE, Laura. Brasil é maior consumidor de anfetamina.

CENTRO BRASILEIRO DE INFORMAÇÕES SOBRE DROGAS PSICOTRÓPICAS (CEBRID). Disponível em: . Acesso em: 1 mai. 2006.

DEPARTAMENTO DE PSICOBIOLOGIA DA UNIFESP/EPM

GILMAN, A.G. et al. **As bases farmacológicas da terapêutica**. 9. ed. Tradução de Joel G. Hardman e Lee E. Limbird. Rio de Janeiro: McGraw Hill, 1996.

JORGE, Cecília. Relatório destaca produção de cocaína e consumo de anfetaminas no Brasil. **Agência Brasil**. 1 mar. 2005. Disponível em: . Acesso em: 21 mai. 2006.

LUCAS, A.C. dos S. et al. Uso de psicotrópicos entre universitários da área da saúde da Universidade Federal do Amazonas, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.22, n.3,

MAIEROVITCH, W. F. Anfetamina na cabeça. **Revista Carta Capital**, São Paulo, 6 mar. 2006. Editorial. Disponível em: . Acesso em 21 mai. 2006.

MINISTÉRIO PÚBLICO DO RIO DE JANEIRO. Disponível em: . Acesso em: 1 maio 2006.

PAGE, C.P. et al. **Farmacologia Integrada**. São Paulo: Ed. Manole, 1999.

Folha de São Paulo. Disponível em: . Acesso em: 1 maio 2006.p. 663-671, mar. 2006.Uso não-médico de medicamentos psicoativos entre escolares do ensino fundamental e médio no Sul do Brasil. **Caderno de Saúde Pública**, v. 1, n. 22, p.109-115, jan. 2006.

RANG, H.P. et al. **Farmacologia**. 5.ed. Tradução de Patricia Lydie Voeux e Antonio Jose Magalhães da Silva Moreira. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

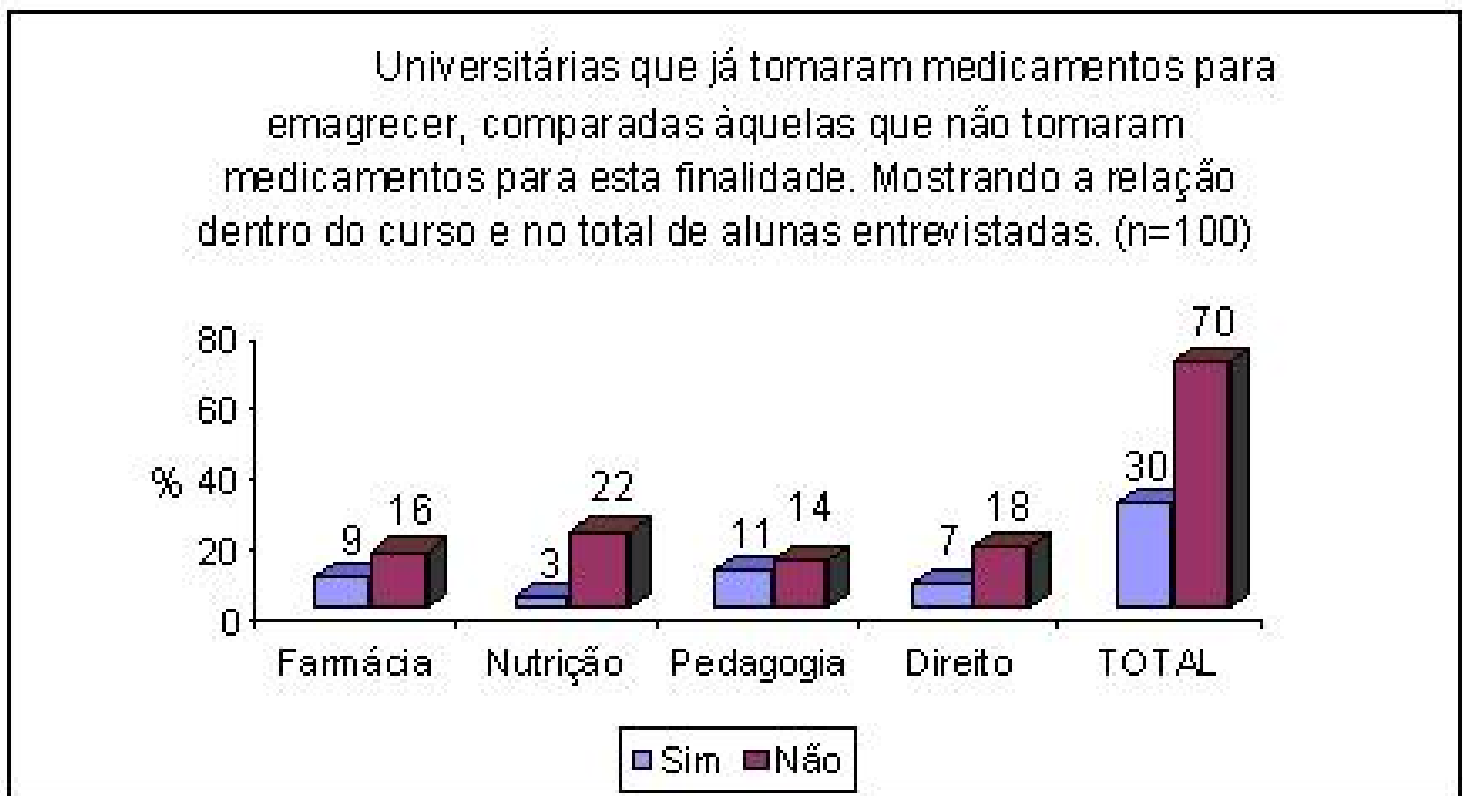
SISTEMA NACIONAL de Informações Tóxico-farmacológicas

SOUZA, D.P.O. de; MARTINS, D.T.O. O perfil epidemiológico do uso de drogas entre estudantes de 1º e 2º graus da rede estadual de ensino de Cuiabá, Brasil, 1995. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.14, n.2, abr./jun. 1998.

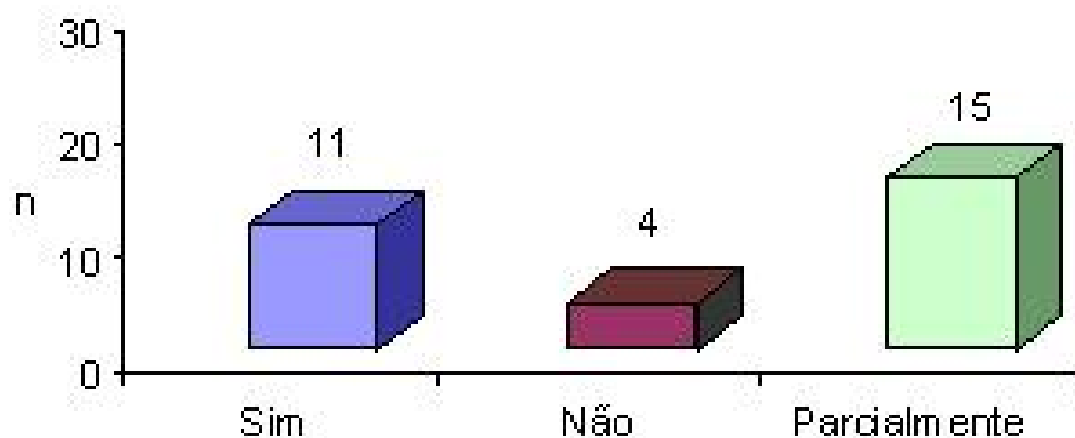
(Sinitox). Sinitox alerta para casos de intoxicação doméstica. Brasil, 2006. Disponível em: . Acesso em: 20 mai. 2006.

, São Paulo, 2 mar. 2006. Disponível em: . Acesso em 21 mai. 2006.

Anexos



Tratamento para emagrecer utilizando derivados anfetamínicos - satisfação da expectativa das universitárias entrevistadas. (n=30)



Aparecimento de efeitos colaterais nas estudantes dos cursos de Farmácia, Nutrição, Pedagogia e Direito que usaram medicamentos para emagrecer contendo em sua formulação derivados anfetamínicos. (n=30)

